

LUCINDA BERRY

**A FILHA
PERFEITA**

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
dos
livros

Para os meus leitores, que me acompanham desde o início.

CASO #5243

INTERROGATÓRIO: PIPER GOLDSTEIN

Eo seu primeiro caso de homicídio? – perguntou ele, em tom seco e profissional. O seu peito avolumava-se de músculos sob o polo azul.

Por mais vezes que fosse interrogada pela polícia, nunca se tornava mais fácil. Os meus nervos ficavam, automaticamente, à flor da pele. Faziam-me sempre sentir que estava a mentir, mesmo quando estava a dizer a verdade.

Aclarei a voz.

– Já estive noutros casos.

Oxalá vivesse num mundo onde não conhecesse intimamente a violência, mas já tinha visto mais do que a minha quota-parte, dado o trabalho que fazia. Só nunca esperara ver os Bauer envolvidos em algo tão horrível.

– Como é que soube que tinha havido um desenvolvimento no caso?

Lancei um olhar ao espelho bidirecional atrás de nós. Apesar de só estarmos os dois na sala, sabia que não estávamos sozinhos.

– A Claire disse-me.

Ele arqueou as sobrancelhas.

– Claire?

– A minha colega de trabalho – apressei-me a responder.

Custava a crer que tinha passado menos de uma hora desde que a Claire tinha entrado no meu gabinete. Éramos sempre as primeiras a chegar de manhã, e partira do princípio de que estava a passar por lá para perguntar como tinha corrido o meu encontro na noite anterior, visto que ficava mais empolgada com eles do que eu. Estava casada há vinte anos e gostava de viver através de mim, mas a sua vida de casada devia ser bastante aborrecida para ficar tão empolgada com a minha. A minha vida amorosa não era nada por que valesse a pena entusiasmar-se.

Os olhos do agente trespassavam-me. Queria mais de mim, mas eu não queria dizer demasiado. Apoiando os cotovelos na mesa, inclinou-se para a frente.

– O que é que ela disse quando lhe contou?

Tinha de ser novo, pois nunca o tinha visto antes. Numa cidade tão pequena como Clarksville, até os rostos da polícia eram familiares. Dissera-me o seu nome ao entrar na sala de espera, mas eu tinha a cabeça à roda do choque e não o tinha captado.

Encolhi os ombros, torcendo ansiosamente as mãos debaixo da mesa.

– Não disse grande coisa, mas percebi que algo estava errado mal entrou no meu escritório.

Acabara de aceder ao meu computador e estava a organizar os meus processos do dia quando a Claire espreitou pela porta antes de eu terminar sequer a minha primeira chávena de café.

– Caramba, miúda, porque não vais aos meus encontros por mim? – gracejara, mas a piada tinha caído por terra ao ver a expressão no seu rosto.

Desaparecera qualquer rasgo de jovialidade, substituído pela sua expressão mais séria. Todos a tínhamos. O semblante que usávamos quando o caso era tão horrível que sabíamos que nos ia tirar o sono e infiltrar-se nos nossos sonhos quando finalmente arranjassemos maneira de adormecer – os casos que faziam os assistentes sociais com filhos abraçá-los com mais força.

– Então soube simplesmente? – O seu tom sugeria que não tinha a certeza se acreditava em mim.

Odiava quando não estávamos na mesma equipa. Não podíamos estar do outro lado da lei e não nos sentirmos criminosos. Era impossível.

– Soube que tinha acontecido algo grave, mas não fazia ideia do que era ou de quem estava envolvido. – Pela terceira vez, lancei um olhar ao meu telemóvel, desejando que vibrasse. Não era como se estivesse detida. Podia sair quando quisesse, mas não havia forma de o fazer sem dar a ideia de que estava a esconder algo.

– O que pensou ao saber que era a família Bauer?

Engoli as emoções que me tentavam subir pela garganta.

– Esperei que lhes desse finalmente algumas respostas. São como família para mim.

Ele olhou para a pasta aberta à sua frente.

– Diz aqui que foi a assistente social originalmente atribuída ao caso.

Acenei com a cabeça, mas logo me lembrei de que só a minha voz estava a ser gravada.

– Sim.

– Como foi isso?

Como podia eu descrever como tinham sido os últimos dois anos? Fora o caso mais complexo da minha carreira e culminara no pior desfecho possível. Duvidara de mim mesma em tantos momentos diferentes, perguntando-me se tinha tomado as decisões certas para todos os envolvidos – e se tivesse errado? E se fosse parcialmente responsável por tudo aquilo? Respirei fundo, tentando clarificar os meus pensamentos.

– Não se poderia pedir melhor lar para a Janie. Há mais de vinte anos que trabalho nos serviços para crianças, e há muitas más casas de acolhimento. Muitas famílias de acolhimento só o são por dinheiro, por isso gerem as crianças como empresas, mas os Bauer eram uma família boa. Só queriam ajudar. – Os meus olhos encheram-se de lágrimas e não as consegui conter, apesar de tentar. Limpei-as rapidamente, envergonhada por parecer tão fraca diante dele. – Peço desculpa. É só que está tudo a acontecer tão depressa.

– Compreendo – disse ele, mas eu sabia que não era verdade. Em todos os meus anos, nunca tinha visto um polícia chorar. Esperou alguns instantes antes de continuar. – Seria mais fácil para si se começássemos pelo início?

Não importava por onde começássemos. Nada daquilo ia ser fácil.

HANNAH BAUER

Eu não deixaria isso passar. Ignorá-lo-ia até ele pedir desculpa – disse a Aubrey, ao jeito moralista e intransigente de todas as pessoas solteiras, sem sequer erguer o olhar do telemóvel. Metade do tempo, esquecia-me de que estava ali, pois mantinha os olhos colados ao ecrã a partir do momento em que entrávamos na sala de descanso do hospital, os dedos a deslizarem a uma velocidade frenética.

Eu e a Stephanie revirámos os olhos em simultâneo. A Stephanie tinha acabado de passar os últimos dez minutos a descarregar as suas frustrações reprimidas com o marido – coisas que iam desde deixar as meias sujas por toda a casa e esquecer-se de pôr o lixo na rua a não limpar os pelos negros do lavatório depois de se barbear. Tinha-lhe chamado a atenção para isso, o que levava à intemporal discussão de ela ser uma chata e ele não cumprir a sua parte das responsabilidades domésticas que qualquer pessoa casada há mais de uma década conhecia bem. A discussão tinha acabado numa grande explosão.

– É tão manipulador quando está zangado. Leva-me por caminhos absurdos, tentando atirar-me com as culpas de várias coisas, e, quando dou por mim, sou eu quem está a pedir desculpa. Caio sempre. Dá comigo em doida – continuou a Stephanie, enfiando garfadas de massa reaquecida na boca enquanto falava.

– Vês? Era o que eu estava a dizer ontem à noite. Precisamos de um fim de semana de miúdas. Já lá vai demasiado tempo – disse eu. Da última vez, tínhamos dado entrada no Four Seasons por um fim de semana e não tínhamos feito mais nada a não ser beber vinho junto à piscina e relaxar no *spa*. Adorava os *peelings* faciais de papaia e há muito que precisava de um.

– Sem dúvida. É só dizeres quando – concordou a Stephanie. Um dos nossos outros colegas, o Carl, espreitou pela porta.

– Precisamos de vocês, pessoal.

Entrámos em ação e, no espaço de segundos, tínhamos arrumado as nossas coisas e estávamos a esguichar espuma antibacteriana para as mãos enquanto saíamos porta fora. O posto de enfermagem fervilhava de atividade e antecipação, todos em alerta máximo. A Stephanie entrou em modo enfermeira-chefe e foi direta ao Dr. Hall. Os dois geriam o serviço de urgências como uma máquina bem oleada.

Inclinei-me para o Carl.

– O que aconteceu?

Ele encolheu os ombros.

– Não sei bem. Só sei que é uma miúda perdida ou algo do género, e está em muito mau estado. A ambulância está a trazê-la com uma escolta policial.

O meu estômago revolveu-se. Uma coisa era tratar crianças doentes. Outra era tratar crianças feridas, e a presença da polícia indicava sempre ferimentos graves. Era a parte do meu trabalho que nunca se tinha tornado mais fácil. Lancei um olhar ao quadro, para ver quantos dos quartos que me estavam atribuídos estavam livres, e suspirei de alívio ao ver que todas as minhas camas estavam cheias. O botão de chamada da cama 8 piscou e dirigi-me para lá para ver o que queria a Eloise.

Era uma das nossas visitantes assíduas. Era viúva e vinha frequentemente às Urgências por se sentir sozinha. Nunca se passava nada de grave com ela. Era uma das mulheres de oitenta e um anos mais saudáveis de que já cuidei, mas aparecia a cada poucas semanas, convencida de que estava a morrer. Desta vez, queixava-se de uma dor latejante na perna e estava apavorada com a possibilidade de ter um coágulo sanguíneo.

Sorriu-me da cama, as rugas a moverem-se sob os seus olhos. Fez-me sinal para que me aproximasse. Inclinei-me para lhe dar o habitual abraço que se habituara a esperar de mim. O familiar cheiro a baunilha almiscarada e pó de talco encheu-me o nariz. Apertou-me com força antes de recuar até ficar a um braço de distância, sem deixar de me agarrar o antebraço.

– Olá, querida. Não queria estar sempre a incomodá-la, mas já recebeu algum dos meus resultados?

Abanei a cabeça e movi-me sobre a sua cama para ajustar o gotejar do soro.

– Ainda estamos à espera de que o ecografista os envie. Lamento. Provavelmente vai demorar mais alguns minutos, porque estamos bastante sobrecarregados esta noite.

Como que em resposta à deixa, o som de rádios da polícia interrompeu a nossa conversa. A Eloise espreitou pela cortina, tentando captar um vislumbre dos polícias.

– O que se passa lá fora?

Sorri.

– Sabe que não lhe posso dizer.

Ela inclinou-se para a frente, tentando ver melhor.

– Há tantos polícias. Porque há tantos? Estou em perigo?

– Está ótima. Jamais deixaria que algum mal lhe acontecesse.

– Dei-lhe uma palmadinha nas costas da mão. Percebi pela textura pastosa da sua pele que estava outra vez desidratada. – E a senhora – acrescentei, apontando-lhe o dedo na brincadeira – precisa de beber mais durante o dia. Quantas vezes já lhe disse isso?

Baixou a cabeça, mas não conseguiu esconder o sorriso que lhe repuxava os cantos dos lábios. Verifiquei-lhe os sinais vitais, anotando-os na sua ficha.

– Vou ficar de olho nos seus resultados e aviso-a assim que souber algo. Combinado?

– Combinado. – Cruzou os braços sobre o peito, instalando-se confortavelmente. Fechou os olhos e algumas das rugas no seu rosto relaxaram. Tinha-me dito uma vez que não dormia bem sozinha, e que todas as noites passava horas cheia de medo de que alguém lhe entrasse em casa enquanto dormia. Não era de admirar que as suas

visitas ao hospital fossem apenas à noite. Nem abriu os olhos enquanto falava. – E veja se consegue descobrir algo sobre o que se passa com todos aqueles polícias.

– Assim farei – prometi, enquanto saía para ir ver como estavam os meus outros pacientes, sabendo que, mesmo que descobrisse, não lhe poderia dizer.

A noite tornou-se agitada à medida que avançava, e só tive oportunidade de me sentar depois das quatro da manhã. Servi-me de uma chávena de café e acedi ao computador, ansiosa por começar a tratar das minhas notas enquanto tinha uma breve trégua. A Stephanie puxou uma cadeira e sentou-se ao meu lado.

– Soubeste alguma coisa sobre o que aconteceu? – perguntou.

Tinha-me esquecido completamente dos polícias de antes. Abanei a cabeça.

– Nem tive tempo para respirar. Acabámos de fazer uma punção lombar na cama seis. – Abri a ficha do meu primeiro paciente e percorri os resultados das suas análises sanguíneas, procurando o que precisava para o meu relatório. – O que perdi?

– A polícia trouxe uma criança abandonada. Está bastante maltratada. Encontraram-na a vaguar num parque de estacionamento. Tinha apenas uma fralda e uma espécie de coleira estranha à volta do pescoço. Não é triste? – Falava depressa, ansiosa por contar a história antes que fôssemos chamadas para a próxima crise. – Não deixava a polícia aproximar-se dela. Foram precisos três agentes para a convencer a entrar no carro. Está imunda, tem as mãos e os braços cobertos de sangue, mas não a podemos limpar enquanto não tiverem recolhido todas as provas que possam estar nela. Não fazem ideia de quem é nem de onde vem.

Um furioso nó de injustiça instalou-se no meu estômago. Porque permitia o universo que pessoas que faziam mal aos filhos os tivessem? Porque não os podia dar a pessoas como eu, que os queriam?

Eu e o meu marido, o Christopher, tínhamos passado anos a tentar engravidar, mas fora desilusão atrás de desilusão. Pedimos uma segunda opinião depois de o nosso médico me ter diagnosticado com um útero hostil, mas ele concordou com o primeiro médico – dar à luz o meu próprio filho era impossível. Engoli a amargura.

Alguns dias eram melhores do que outros. Aquele não era um desses dias.

– Têm alguma pista sobre os pais dela? – perguntei.

– Não. Nem uma. Achrom que ou foi até lá a pé a partir do parque de caravanas do outro lado da rua ou foi lá deixada por alguém.

– Torceu o rosto, repugnada. – Está tão magra, parece que não come há dias.

– Pobrezinha. Com sorte, vão encontrar os pais dela e acabará por se verificar que foi algum acidente ou mal-entendido estranho.

A Stephanie arqueou as sobrancelhas.

– Mal-entendido? Que tipo de mal-entendido acaba com a filha de alguém perdida num parque de estacionamento só com uma fralda? E sangue. Esqueceste-te dessa parte?

– Alguém tem de ser otimista.

Oxalá fosse tão otimista como fingia. Costumava ser. Mas já não sou.

A Stephanie desatou a rir e apertou-me o braço.

– É isso que adoro em ti – disse, antes de partir apressadamente.

Quando cheguei a casa, o Christopher estava à minha espera com uma caneca de chá de camomila. Segurava a sua chávena de café da manhã numa mão e a minha caneca favorita na outra – a que dizia **CÃO FELIZ** na frente, apesar de eu nunca ter tido um cão. Há dois anos que fazia turnos à noite, e ele trabalhava de dia, a não ser que houvesse uma urgência, pelo que tínhamos horários opostos, mas resultava para nós. Dava-nos a oportunidade de sentir a falta um do outro, e às vezes isso era necessário numa relação, mesmo para pessoas que se amavam tanto como nós.

Tirei-lhe a caneca da mão enquanto descalçava os sapatos e o seguia para a sala de estar. Deixando-me cair no sofá ao seu lado, afundei-me nele, as penas a contornarem o meu corpo. Era a peça de mobiliário por que mais tínhamos discutido ao decorarmos a casa, pouco depois de a comprarmos. A sala de estar era uma das primeiras divisões que se via ao entrar, e ele achava que devíamos ter um

sofá formal, para que parecesse imaculada e bonita. Mas a nossa casa era demasiado pequena para ter outra zona de estar principal, por isso eu sabia que íamos passar todo o nosso tempo ali, e queria que fosse confortável. Acabei por vencer, e ele confirmara várias vezes que se alegrava por isso, pois não se conseguia imaginar a chegar a casa para um sofá duro.

Sentou-se na outra ponta e estiquei os pés no seu colo. Tirou-me as meias e começou a massajar-me os pés. Quando contei à minha irmã das suas massagens nos pés depois do trabalho, ela tivera a certeza de que era só por sermos recém-casados, mas, ao fim de tantos anos, continuava a fazê-las. Se estivesse lá no fim do meu turno, esfregava-me os pés. Ponto final. Não importava se ele tivesse passado doze horas numa cirurgia.

– Bem? – Arqueou as sobrancelhas, inquisitivo.

Era impossível exercer medicina sem se ser afetado por ela. Ao longo dos anos, tínhamo-nos tornado o terapeuta um do outro. Compreendíamos como era ser responsável pelas vidas de outras pessoas de uma forma que ninguém fora da profissão conseguia.

– A Eloise voltou a aparecer esta noite.

– O que era desta vez?

– Coágulo sanguíneo.

– E?

– Negativo.

Ele sorriu. Tinha o cabelo escuro penteado para trás, com alguns fios estendidos sobre uma zona na parte de trás onde começava a ficar ralo. Sentia-se inseguro com a sua perda de cabelo, mas eu não me importava. Adorava o ar desgastado, e, na minha opinião, tinha ficado mais bonito com a idade. Os homens tinham essa sorte. Até as rugas eram giras.

– Como vai ser o teu dia hoje? – perguntei.

– Duas cirurgias. Três consultas.

O Christopher era cirurgião ortopédico no Northfield Memorial, o mesmo hospital onde eu trabalhava. O Northfield era o maior hospital regional do Ohio, e tínhamo-nos conhecido na cafetaria quando ele estava no primeiro ano de medicina e costumava trabalhar todo o dia e estudar toda a noite. Estava tão focado e empenhado

no seu objetivo que quase não tinha reparado em mim, mas a sua ética laboral compensara. Valera-lhe um internato complementar, seguido de uma colocação de especialidade.

– Algo interessante? – perguntei.

Ele abanou a cabeça.

– Oh, antes que me esqueça de te dizer, assegura-te de que lês o *e-mail* da Bianella. Quer que vamos a um seminário sobre adoção internacional na semana que vem. Supostamente, vai ter um painel de pais que vão falar sobre alguns dos desafios ocultos das adoções internacionais – acrescentou.

A Bianella era a nossa especialista em adoção. Tínhamo-la contactado depois de o nosso médico de fertilidade se ter sentado connosco e nos ter explicado pela última vez as tenebrosas estatísticas. Eu e o Christopher sempre quisemos ter filhos, pelo que a adoção era uma escolha lógica para nós, e tínhamo-nos dedicado imediatamente a pesquisar instituições, não querendo perder mais tempo do que já tínhamos perdido. Eu tinha quase quarenta anos, na altura, e não queríamos ser pais mais velhos. Pensava que adotar uma criança seria fácil, tal como pensara que seria fácil engravidar quando começara a tentar. Já tínhamos tido uma adoção falhada, e doera tanto como qualquer aborto espontâneo.

– Ainda estou indecisa quanto a seguir pela via internacional – disse eu.

– Eu sei. Eu também. Mas lê-o e diz-me o que achas – respondeu o Christopher, tirando as minhas pernas do colo. – Tenho de ir andando.

Dirigiu-se à cozinha para pôr a caneca na máquina de lavar loiça, e foi enquanto me dirigia ao corredor que ia dar ao quarto que subitamente me lembrei.

– Ei, Christopher – chamei.

– O que foi?

– Esqueci-me de te contar uma coisa que aconteceu esta noite.

– Parei para me assegurar de que tinha novamente a sua atenção.

– A polícia levou-nos uma criança abandonada.

CHRISTOPHER BAUER

Tinha acabado de regressar ao meu gabinete após seis extenuantes horas de uma cirurgia reconstrutiva a uma mão que se tinha revelado mais complexa do que o previsto. Estava a preparar uma chávena de café quando o Dan, o diretor de cirurgia, entrou com um ar perturbado.

– Posso falar contigo? – perguntou, fechando a porta atrás de si.

– Queres sentar-te? – Apontei-lhe a cadeira diante da minha secretária. Raramente tínhamos reuniões à porta fechada, por isso tinha de ser algo grave.

Ele abanou a cabeça, passando as mãos pelo cabelo escuro. Tinha a testa sulcada por rugas de *stress*.

– Que diabo se passa com as pessoas? A sério, como podem ser monstros tão grandes? – Deambulava de um lado para o outro no meu gabinete à medida que falava.

Trabalhávamos juntos há anos e nunca o tinha visto tão perturbado.

– Tens a certeza de que não te queres sentar?

– Não, não, estou bem. O que quero mesmo é uma bebida. – Riu amargamente. – Trouxeram uma menina às Urgências ontem à noite, e o caso dela é horrível. Nunca tinha visto nada assim. Nunca. – Lutava contra as emoções, provavelmente a pensar nas suas três

filhas, cujas fotografias ladeavam a secretária do seu gabinete. – Não consigo imaginar alguém a fazer aquilo a uma criança. Simplesmente não consigo.

– De que estamos a falar, ao certo? – perguntei, a minha curiosidade a levar-me a melhor.

– Talvez queiras ser tu a sentar-te – disse ele, só em parte a brincar. – Foi trazida pela polícia e pelos serviços sociais. Ao que parece, foi encontrada num parque de estacionamento na zona oeste, junto à Park's Station. Sabes a qual me refiro?

Assenti. Toda a gente conhecia a Park's Station e os parques de caravanas que revestiam as ruas atrás dela. Era onde o vício da metanfetamina da cidade crescia e prosperava. Só se ia àquela parte da cidade para uma coisa.

– Tem o corpo inteiro coberto de velhas cicatrizes e de hematomas. Deve ter sido maltratada durante muito tempo. – Esforçou-se para recuperar a compostura. – Está gravemente subnutrida e desidratada, portanto parece um daqueles órfãos famintos que vemos na televisão. Sabes de quais estou a falar? – Não esperou que eu respondesse antes de prosseguir. – Tem erupções estranhas nas pernas, como se pudesse ter algum tipo de infeção séptica. As radiografias mostram múltiplas fraturas por todo o corpo. Algumas são antigas, outras relativamente recentes. Provavelmente nunca foi a um médico, por isso, quem sabe o que encontraremos quando a começarmos a examinar. – Pigarreou. E voltou a fazê-lo, entrando em modo gestão de projeto. – Vai haver uma equipa enorme a trabalhar nisto, e precisamos de todos os nossos melhores, razão pela qual quero que fiques com este caso. Vamos reunir amanhã de manhã, bem cedo, por isso preciso que canceles tudo o que tens marcado para as primeiras horas.

– Está bem, claro. Posso pedir à Alexis que reorganize as coisas. – Peguei no meu telemóvel e enviei rapidamente um *e-mail* à minha rececionista antes de o voltar a guardar no bolso.

– Anda, vamos – disse o Dan, dirigindo-se à porta, e segui-o para o exterior. Continuou a falar enquanto caminhava. – Isto vai ser um verdadeiro circo mediático mal a notícia se espalhe. Até agora, nada vazou. Vamos tentar proteger a privacidade dela durante o máximo de tempo possível, mas, sinceramente, é só uma questão de tempo

até que lhes chegue aos ouvidos. Compreendes os limites da confidencialidade aqui, certo?

– Claro. – Disse, apesar de nunca ter tido qualquer tipo de caso mediático antes. Não havia casos desses numa cidade da nossa dimensão, e a maioria das crianças que tratava eram vítimas de acidentes de viação ou lesões desportivas. Estava entusiasmado por estar envolvido em algo tão invulgar, mas não podia admitir isso.

Entrámos no elevador ao fundo do corredor. Estava repleto de pessoas, por isso parámos de falar enquanto descemos até ao terceiro andar. O Dan manteve a porta aberta e fez-me sinal para sair.

– O que faz ela aqui em baixo? – perguntei. O terceiro andar era a ala de neurociência, onde ficavam os pacientes que sofreram AVC e ataques cardíacos.

– Ninguém se vai lembrar de a procurar aqui – explicou ele.

– Referes-te à comunicação social?

– Não estamos muito preocupados com a comunicação social. É fácil mantê-los afastados. Estão a tentar mantê-la segura para o caso de quem lhe fez isto a vir procurar. Não sabem quem a magoou ou se ainda corre perigo. Ainda nem sabem quem é. Disse que se chama Janie, mas sabe-se lá. Pode ter inventado simplesmente o nome. Pode até ter sido raptada. Saberemos mais à medida que o caso se for desenrolando.

Acenou às enfermeiras que se afadigavam no posto de enfermagem ao passarmos. Dois agentes fardados estavam junto a uma porta a meio do corredor. O Dan dirigiu-se a eles e mostrou-lhes a sua identificação do hospital. Eu fiz o mesmo. Virou-se para olhar para mim antes de abrir a porta.

– Prepara-te – avisou.

Empurrou a porta e uma vaga de tristeza inundou-me ao ver uma criança pequena deitada na cama. Nada me poderia ter preparado para aquilo. O Dan tinha-se referido a ela como uma menina, mas a criança na cama parecia ter pouco mais do que um ano. Os seus braços e pernas eram débeis; não pareciam capazes de a sustentar caso se levantasse. Tinha a barriga distendida, e a sua cabeça era enorme em comparação com o corpinho minúsculo e demasiado grande para a sua frágil figura suster. Era quase careca. Tinha apenas

pequenos tufoos louros onde o cabelo deveria estar. Virou-se para olhar para nós com os olhos azuis mais claros que eu alguma vez vira.

– Olá. – Os seus lábios abriram-se num sorriso tímido, revelando um dente podre na frente.

– Olá, Janie. – O Dan dirigiu-se à cama e curvou-se para se aproximar dela.

Ela ergueu os braços.

– Abraço?

Ele inclinou-se e envolveu-a delicadamente nos braços, com medo de a magoar. Ela agarrou-se à sua bata. O Dan parecia desconfortável.

– Gosto do seu cheiro – disse ela, em voz baixa, pouco acima de um sussurro.

Recusou-se a largá-lo, por isso ele virou-se para olhar para mim, fazendo-me sinal para me aproximar. Contornei uma das enfermeiras, postando-me à vista dela.

– Olá, Janie. Chamo-me Christopher. Vou ser um dos teus médicos – disse, escolhendo cuidadosamente as palavras. – Vou ajudar a cuidar de ti.

Largando o Dan, ela estendeu o braço para me pegar na mão. Tinha as unhas compridas e cobertas de terra. Os seus dedos estavam tão vergados que não se conseguiam enroscar naturalmente à volta dos meus.

– Olá – disse hesitantemente. – Vai consertar-me?

Tranquelizei-a.

– Vou, sim, querida. Prometo.